

# Fundamentos do serviço social a partir de uma perspectiva dialético-marxiana

---

*Inez Rocha Zacarias*

*Jane Cruz Prates*

*Tháisa Teixeira Closs*

## 1 Introdução

O contexto contemporâneo é, para usar uma expressão de Chauí,<sup>1</sup> o contexto do espetáculo e do narcisismo. Estas duas características bem refletem as refrações de uma construção que, a partir de bases econômico-sociais, cria a cultura do consumo e subverte todos os valores humano-genéricos, cultuando aparências, o individualismo, os fragmentos, episódios. A autora complementa alertando que este contexto empobrecido e egoísta acaba por frustrar a expectativa dos sujeitos gerando violência, competição desmedida, despreocupação com o outro e ameaça à preservação das gerações futuras.

Vivemos um contexto, portanto, marcadamente contraditório, alcançamos um nível de desenvolvimento tecnológico que nos permite comunicação imediata com qualquer parte do planeta em segundos. Permite-nos o acesso e a circulação de dados e informações sobre os temas mais diversos, numa velocidade nunca antes vista, mas por outro lado os conhecimentos não se sedimentam, a sensação de não acompanhar a velocidade dos tempos nos angustia e faz com que nos sintamos quase sempre defasados, desinformados.

Mas os recursos e a evolução tecnológica embora tenham revolucionado a vida humana, propiciando a cura de doenças e o domínio até mesmo do tempo e da distância, não trouxeram ao homem comum, que habita a maioria do planeta, a redução da jornada de trabalho, por exemplo. Ao contrário, vivenciamos um contexto de desemprego estrutural e, em nossos locais de trabalho, cada vez mais somos exigidos em múltiplas áreas, de modo polivalente; vemos os postos de trabalho se reduzirem, em quase todas as áreas, o que não é diferente nas universidades. A redução de custos, o enxugamento da máquina, um gerenciamento aparentemente moderno e empreendedor, têm por trás a ampliação do lucro, que sempre, em qualquer circunstância, se pauta na exploração e na expropriação. Ampliação que, mesmo ocultada por discursos apresentados como inovadores, acaba por impactar negativamente na qualidade dos produtos do trabalho e na qualidade de vida dos trabalhadores.

---

<sup>1</sup> CHAUÍ, Marilena. *Ética. O drama burguês/ética das aparências*. DVD, Gerd Bornheim, 2005.

## **2 A formação em Serviço Social: desafios e prioridades**

O contexto contemporâneo, a era informacional, da robótica, do virtual, em que pese os avanços possibilitados por esses saltos da inteligência humana, não reverteram as mortes pela fome e pelas chamadas doenças da pobreza, como as de veiculação hídrica, não terminaram com o analfabetismo, com o trabalho infantil, ou com o trabalho precário e até escravo.

As prioridades, decisões humanas sobre aquilo que deve ser sustentado, ainda privilegiam o econômico e colocam o humano, o ecológico, a ética, a vida digna, como opções e compromissos caudatários. As mazelas objetivas, que impactam a vida dos sujeitos, seja pela falta de habitação, de acesso à saúde, a assistência, a inserção produtiva, e que seguramente repercutem na sua subjetividade, não raras vezes já fragilizada, desmotivada, desvalorizada, exatamente em razão de suas condições objetivas, são o resultado de desigualdades sociais cada vez mais acirradas. Ou seja, refrações de um capitalismo que se renova e se metamorfoseia para mascarar a subordinação imposta aos que vendem sua força de trabalho, a partir das velhas formas de exploração apresentadas como inovações gerenciais ou movimentos evolutivos naturais.

Mas como contraponto os sujeitos e grupos que sofrem essas perdas reagem e resistem, às vezes de forma pontual, buscando alternativas para sobreviver ou se fortalecer a partir de redes informais. Às vezes de modo mais organizado, através de articulações coletivas, via movimentos e lutas sociais ou instituindo-as em organizações, sindicatos, associações, e outras formas de mobilização pela defesa de direitos.

O Assistente Social sofre essas refrações e trabalha nesse tensionamento; seu objeto, a matéria-prima de seu trabalho, é a questão social que se materializa no confronto entre um conjunto diversificado de desigualdades expressas na vida dos sujeitos e as formas de resistência, por eles empreendidas para enfrentá-las. Em cada espaço sócio-ocupacional onde desenvolvemos nosso trabalho a questão social pode expressar-se de modos diversos, mas é a mesma questão social, ou seja, resultado da contradição entre o capital (como relação social, de poder, de domínio, de compra, de coisificação) e o trabalho (construção e expressão humana concreta, elemento que possibilita a humanização).

A nós cabe – resguardadas as particularidades de cada campo, os limites das condições e contextos nos quais realizamos nosso trabalho – buscar reduzir desigualdades e potencializar resistências, não como superespecialistas, messias ou artistas, mas construindo com parceiros de outras profissões e com os sujeitos usuários de nossos serviços a possibilidade de mediar experiências e leituras que alonguem seus olhares, fortaleçam sua capacidade crítica e estimulem sua autonomia e organização. Ou, dito de outro modo, que instiguem o desenvolvimento de processos sociais emancipatórios, na perspectiva do reconhecimento e da garantia de direitos.

Quanto ao ensino, precisamos formar para isto, ou seja, para a leitura e intervenção na realidade. Logo, precisamos ter a competência de desvendá-la, ou sendo mais explícitos, precisamos responder: Que realidade é esta? Por que é assim? Que fatores estão agindo de forma inter-relacionada para condicioná-la? Quais os preponderantes em cada momento de seu desenvolvimento? Quais foram os momentos cujas mudanças foram marcantes? Que dados concretos são contraprova desse processo? É preciso reconhecermos que ensino e pesquisa não podem ser separados, como também não o é nosso trabalho profissional. Este não pode prescindir de movimentos investigativos, sob pena de perder alcance e efetividade, bem como substância política.

Para intervirmos, reconstituímos histórias – de sujeitos, de instituições, da profissão, do país, das políticas –, pois só assim podemos entendê-los, explicá-los e isto pressupõe um movimento sistemático e transversal de investigação e problematização, ou seja, de pesquisa. Mas problematizar não basta. Numa profissão interventiva precisamos agir, e para isso, temos de gerir, com direção social clara, nosso trabalho e incidirmos na organização dos processos de trabalho em nos inserimos. Planejá-lo (plano, execução, avaliação) de modo que nossas leituras (pautadas em investigações) nos subsidiem para realizar diagnósticos consistentes sobre a realidade, articulados aos contextos singulares que são foco de nossa análise e que lhe são interconectados (situações de violência, exclusão, drogadição, discriminação).

Logo, podemos descer ao fragmento e decodificá-lo, mas nunca perdendo de vista sua íntima relação com o contexto, com os demais elementos, sob pena de reduzir-lhe o sentido ou inversamente de atribuir-lhe uma força maior do que a que realmente possui, negando outros elementos que uma visão fragmentária não permite ver. Ou seja, a leitura da realidade pautada na totalidade se constitui num fundamento da dimensão investigativa do trabalho profissional. Contudo, para realizarmos diagnósticos, utilizamos técnicas diversas que nos aporta a ciência, tradicionais ou alternativas, ou ambas, como a entrevista, a observação, a grafia, etc. No entanto, podemos fazê-lo de modo centralizador ou envolvendo os sujeitos intensamente no processo; podemos fazê-lo de modo focal ou ampliando-o para outros espaços que potencializem a consciência crítica e atuação dos sujeitos. Como aponta Prates,<sup>2</sup> esta diferença fundamental é dada pelo método ou pelo modo como apreendemos os sujeitos, a sociedade, a ciência, a profissão e pelo conjunto de valores que fundamenta este modo de ver e intervir; na verdade, é isto que faz a diferença.

Formar pressupõe domínio técnico, mas para além do manejo de técnicas e instrumentos, pressupõe o domínio de teorias explicativas da realidade. Pressupõe a apreensão de um método, que deve ter substância e densidade suficientes para aportar elementos que permitam a busca da gênese dos fenômenos, a sua leitura crítica e contextualizada. Ou seja, um método que possibilite articular os múltiplos fatores que

---

<sup>2</sup> \_\_\_\_\_, et al. *Possibilidades de mediação entre a teoria marxiana e o trabalho do Assistente Social*. 2003. Tese (Doutorado) – PUCRS, Porto Alegre, 2003.

os conformam e que contemple no seu movimento investigativo o desvendamento das contradições inclusivas que são inerentes ao movimento de constituição humana, bem como as formações sociais e históricas dela decorrentes. Por fim, ou antes de tudo, pressupõe a opção por princípios éticos, fundamentados em valores que direcionem as escolhas, juntamente com o compromisso em assumi-los efetivamente.

Ao assumir-se como trabalho, essa profissão reconhece não só que os assistentes sociais participam de processos de trabalho, mas também que são condicionados pelo contexto no qual se inserem e como trabalhadores sofrem todas as refrações oriundas das metamorfoses do mundo do trabalho.

Em síntese, o que precisamos investigar e o que privilegiar na formação em tempos de flexibilização e precarização do trabalho e da própria vida e dignidade humana? Antes de tudo precisamos lutar por uma formação sólida e crítica que não se deixe iludir pelos modismos que reeditam formas conservadoras travestidas de inovadoras. Isto pressupõe capacidade de desvendamento da realidade, com base na investigação. Precisamos garantir a manutenção de uma formação generalista que viabilize a realização de intervenções consistentes e eticamente comprometidas nos mais diversificados espaços sócio-ocupacionais.

Para tanto, entendemos que é fundamental privilegiarmos a efetiva apreensão do método dialético materialista e histórico de modo mais aprofundado, do processo de trabalho com base em seus elementos, da análise dos condicionantes históricos contemporâneos e da relação destes elementos com a constituição da identidade profissional.

Contudo, privilegiando a dimensão genérica, ou seja, conhecimentos comuns que podem ser mediados em qualquer espaço sócio-ocupacional e de ferramentas e estratégias que viabilizem desvendá-los, apreendê-los, problematizá-los e propor sobre eles, sempre potencializando resistências e buscando reduzir desigualdades, ou não estaremos fazendo Serviço Social, como o conformamos hoje coletivamente.

### **3 As contribuições aportadas pela teoria e o método marxiano para o Serviço Social**

Marx tem a preocupação de interpretar a sociedade de seu tempo, sociedade esta marcada por um modo de produção capitalista que reduz toda a exteriorização e produção humana a mercadoria. Procura mostrar, a partir de um mergulho nas formas de organização, instituições e relações estabelecidas na sociedade capitalista, os processos contraditórios que lhe são constitutivos e insuperáveis no contexto da sociabilidade por ela engendrada. Para tanto, utiliza um método de exposição que apresenta uma forma lógica, utilizando-se da própria linguagem e modo de aparição validado pela sociedade capitalista, buscando por traz daquilo que aparece de forma imediata, as conexões e a verdadeira gênese que lhes altera o sentido, usando a história social como contraprova histórica.

Desvendar a sociedade capitalista e conseqüentemente o necessário processo de alienação humana expresso pelo trabalho abstrato, a partir da economia política, foi a forma ou o método utilizado por Marx para buscar uma alternativa de resgatar o homem como ser social que se desenvolve e se cria através do trabalho concreto. Como sinaliza Prates,<sup>3</sup> consciência e trabalho, na medida em que a consciência é objetivada através do trabalho, são, portanto, categorias centrais em toda a sua obra, desde os Manuscritos de Paris ao Capital.

Desta forma, verificamos aproximações entre a teoria marxiana e o Serviço Social que justificam a opção hegemônica da categoria pelo paradigma que se inspira em sua obra, entre as quais podemos pontuar.

Primeiramente, destacamos a identidade de objeto: a questão social e suas refrações na vida dos sujeitos; a preocupação com a intervenção a partir do movimento dialético reflexão-ação com base na interconexão de múltiplas determinações; o reconhecimento da investigação permanente como processo necessário e um método que possibilite a leitura e intervenção no real, não de forma dicotomizada.<sup>4</sup>

São elementos comuns também o reconhecimento de que os fenômenos sociais são multicausais e somente podem ser explicados à luz da totalidade, a partir de sucessivas aproximações; do desvendamento de sua pseudoconcreticidade e de suas contradições, as quais por serem históricas são passíveis de superação. Outro elemento é o reconhecimento de que a clareza teleológica é fundamental a uma intervenção que se queira transformadora, ou seja a importância de uma direção social definida.<sup>5</sup>

Ambos, o Serviço Social e a teoria marxiana, negam a neutralidade da ciência e dos processos interventivos, reconhecendo o caráter ético-político da ação investigativo-interventiva. Do mesmo modo, ambos assumem o compromisso de lutar pela superação dos processos de exploração, exclusão, expropriação, subjugação, alienação.<sup>6</sup>

Tanto a teoria marxiana quanto o Serviço Social reconhecem, através do conhecimento produzido, que para enfrentar a questão social é necessário mobilizar o desenvolvimento de processos sociais emancipatórios no intuito de estimular o protagonismo e fortalecer a autonomia dos sujeitos. Assim, ambos reconhecem a centralidade da categoria trabalho e da existência de processos de trabalho que condicionam e caracterizam as profissões inseridas na divisão sociotécnica do trabalho.<sup>7</sup>

#### **4 O método marxiano**

O método marxiano caracteriza-se pela concreticidade e historicidade. Diz Marx:

Não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam ou representam, e tão pouco dos homens pensados, imaginados e representados para, a partir daí,

---

<sup>3</sup> Idem.

<sup>4</sup> Idem.

<sup>5</sup> Idem.

<sup>6</sup> Idem.

<sup>7</sup> Idem.

chegar aos homens em carne e osso, parte-se dos homens realmente ativos e, a partir de seu processo de vida real, expõe-se também o desenvolvimento dos reflexos ideológicos e dos ecos desse processo de vida.<sup>8</sup>

Portanto, parte-se da realidade humana, da práxis humana. Porém, conforme ressalta Kosik,<sup>9</sup> a realidade não se apresenta diante de nós de forma transparente, explícita, mas é preciso desvendá-la, compreendê-la, realizar um *detour* para superar a sua representação e chegar ao conceito. Pois no trato prático-utilitário com as coisas, quando a realidade se revela como “mundo dos meios, fins, instrumentos, exigências e esforços para satisfazer a estas”; os homens criam suas próprias representações, fixando apenas o aspecto fenomênico da realidade. Mas esta práxis fragmentária não consegue interpretar as leis e a estrutura do fenômeno, portanto não chegam ao seu “núcleo interno essencial” e ao seu conceito correspondente. Ao complexo de fenômenos que constituem o ambiente cotidiano da vida humana que, com sua “regularidade, imediatismo e evidência”, assumem um aspecto natural e independente ao penetrarem na consciência dos sujeitos, Kosik os denomina de “mundo da pseudo-concreticidade”.

A dialética é o pensamento crítico, que se propõe a superar a pseudoconcreticidade para atingir a concreticidade. Trata-se de um processo, “[...] no curso do qual sob o mundo da aparência se desvenda o mundo real; por trás da aparência externa [...] a lei do fenômeno, por trás do movimento visível, o movimento real, interno; por trás do fenômeno a essência”.<sup>10</sup>

O conceito de práxis é fundamental no método marxiano, como atividade humana objetiva, sensível, capaz de modificar a realidade e o próprio homem. Ressaltam Marx e Engels:

É na práxis que o homem deve demonstrar a verdade, isto é, a realidade e o poder, o caráter terreno de seu pensamento [...]. A coincidência da modificação das circunstâncias com a atividade humana ou alteração de si próprio só pode ser apreendida e compreendida racionalmente como práxis revolucionária.<sup>11</sup>

Marx, antes de compreender na essência o trabalho, inserido e determinado num período histórico, sob as condições de um sistema de produção – o capitalista –, sistematizou sobre o trabalho enquanto essência humana, que o diferencia dos demais animais, que o coloca sob a capacidade de dominar e manipular a natureza para satisfazer suas necessidades, desenvolvendo a sua história atrelada à história da própria natureza.

Por conseguinte, abstraindo o conceito de trabalho do modo de produção capitalista, isto é, tratando o trabalho de modo genérico, na sua realização humana em geral, o trabalho para Marx é a própria utilização da força de trabalho, é desprendimento humano de força sobre a natureza, direcionado a um fim. O trabalho ocorre quando o

---

<sup>8</sup> MARX, K.; ENGELS, F. *A ideologia alemã*. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1993. p. 37.

<sup>9</sup> KOSIK, Karel. *Dialética do concreto*. São Paulo: Paz e Terra, 1989. p. 9-10.

<sup>10</sup> *Ibidem*, p. 10.

<sup>11</sup> MARX; ENGELS, 1989, p. 11-12.

homem emprega suas forças, sua mente e músculos, quando desgasta seus nervos e suas energias na transformação de um determinado objeto.

Antes de tudo, o trabalho é um processo de que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano, com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza. Defronta-se com a natureza como uma de suas forças. Põe em movimento as forças naturais de seu corpo – braços e pernas, cabeça e mãos –, a fim de apropriar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhes forma útil a vida humana.<sup>12</sup>

A sua especificidade mais importante está quando o homem desenvolve esta ação referenciada não somente na sua intuição, mas em um objeto no qual ele projeta previamente a intenção de sua criação e transformação na sua mente. Marx, para exemplificar, compara o trabalho de uma abelha com o de um arquiteto. A abelha o supera em precisão ao construir sua colmeia, a diferença está que o arquiteto antes projeta teleologicamente o que pretende construir, sendo que a abelha age sob sua intuição animal. Dessa forma, o homem se diferencia dos demais animais por sua consciência. Ao se diferenciar dos demais animais por sua capacidade teleológica, o homem produz e transforma a sua vida e a dos demais homens, pois o trabalho é atividade coletiva, realizada em sociedade, que sofre influência das formas de produção do passado e, ao produzir, influencia as sociedades futuras. É assim que o homem se faz ser social.<sup>13</sup>

Assim, a práxis compreende – além do aspecto laborativo – também o momento existencial: ela se manifesta tanto na atividade objetiva do homem, que transforma a natureza e marca com sentido humano os materiais naturais, como na formação da subjetividade humana, na qual os momentos existenciais como a angústia, a náusea, o medo, a alegria, o riso, a esperança, etc., não se apresentam como “experiência” passiva, mas como parte da luta pelo reconhecimento, isto é, do processo da realização humana.<sup>14</sup>

Marx, em *Teses sobre Feuerbach*,<sup>15</sup> já acentuava a centralidade da práxis como critério da verdade, ou seja, a práxis, enquanto meio de transformação, de realização e de libertação humana. O homem não é um mero contemplador da vida, ele é, antes de tudo, o seu protagonista. A 3ª Tese expressa este caráter revolucionário da práxis, pois *quem* pode revolucionar o mundo só pode ser o homem através da sua práxis: “A consciência da modificação das circunstâncias e da atividade humana só pode ser concebida e entendida racionalmente como *prática revolucionária*.”<sup>16</sup>

<sup>12</sup> MARX, K. *O Capital: crítica da economia política*. 29. ed. Livro I – O Processo de Produção do Capital. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 211. v. 1.

<sup>13</sup> LESSA, Sérgio; TONET, Ivo. *Introdução à filosofia de Marx: debates e perspectivas*. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

<sup>14</sup> KOSIK, K. *Dialética do conceito*. São Paulo: Paz e Terra, 2011. p. 224.

<sup>15</sup> MARX, K. As teses sobre Feuerbach. In: \_\_\_\_\_. *A ideologia alemã*. São Paulo: Expressão popular, 2009.

<sup>16</sup> *Ibidem*, p. 28.

Marx<sup>17</sup> afirma a essência prática da vida social que contém em si a solução racional para os mistérios que levam a teoria para o misticismo. A solução encontra-se precisamente na compreensão da práxis humana. Porém, ressalta Marx, não basta interpretar o mundo, mas sim transformá-lo, reafirmando o caráter prático-operacional de sua reflexão: “[...] não é a crítica, mas a revolução a força motriz da história [...]”<sup>18</sup>

Em síntese podemos destacar como principais características do método marxiano:

- o seu humanismo e historicismo absolutos, o seu materialismo e a sua concreticidade; a dialética, o seu movimento como processo, a necessária interconexão de múltiplas dimensões que constituem a totalidade, não exaurindo-a mas problematizando-a de forma inter-relacionada;

- sua teleologia, a centralidade atribuída à práxis, o seu caráter prático-operacional, pois “não basta interpretar é preciso transformar”;

- a perspectiva de transformação a partir do desenvolvimento de processos sociais emancipatórios, do trabalho concreto, da práxis revolucionária, que desvende os fetiches; e por fim, seu caráter revolucionário, o reconhecimento da possibilidade histórica de superação das contradições constitutivas da natureza humana, das formações sociais, do modo de produção.

#### **4.1 O método de investigação**

Quanto ao processo investigativo, inerente ao método marxiano, alguns movimentos são fundamentais devem ser ressaltados, em especial tendo em vista a formação e o trabalho do assistente social. Portanto, poderíamos pontuar os movimentos que seguem:

- a análise da estrutura como ponto de partida, ou seja, buscar as conexões temporais, as realidades em movimento, dos homens em carne e osso, na sua atividade prática, concreta, contextualizada, apoderando-se da matéria nos seus pormenores, o que pressupõe profunda investigação empírica.

- logo, busca da gênese e da evolução, das transformações sofridas pelo fenômeno, no intuito de superar a pseudoconcreticidade através de um movimento de “detour”, regressivo-progressivo, desvendando contradições, instigando o desenvolvendo de processos de mobilização e consciência, buscando remontar os movimentos que o constituíram e as condições que o engendraram a partir de sua historicidade.

- a superação da reflexão pela análise dialética, que identifica grupos, relações, utilizando as categorias (que compõem o real) para análise e intervenção de modo intrinsecamente relacionado, articulado.

---

<sup>17</sup> MARX, K. *A ideologia alemã*. 9. ed. São Paulo: Hucitex, 1993, p. 14.

<sup>18</sup> *Ibidem*, p. 56.



## 4.2 O processo de exposição

Marx distinguia o método de investigação do método de exposição. Retomemos o trecho contido no posfácio da segunda edição de *O Capital*, já citado anteriormente, em que Marx,<sup>19</sup> após referir-se ao método de investigação, diz: “Só depois de concluído esse trabalho é que se pode descrever, adequadamente, o movimento real, *a vida da realidade pesquisada*, o que pode dar a impressão de uma construção *a priori*.” (grifos nossos).

Segundo Kosik,<sup>20</sup> o método de exposição, mais do que uma forma de apresentação, é um método de “*explicitação*, graças ao qual o fenômeno se torna transparente, racional, compreensível”, razão pela qual o método de exposição assume posição significativamente relevante.

Esclarece Kosik<sup>21</sup> que, diferentemente do início da investigação, quando a problemática ainda não é suficientemente conhecida, a exposição já é resultado de uma investigação e de uma apropriação crítico-científica sobre a matéria, portanto deve ter um início mediato, “que contém em embrião a estrutura de toda a obra”.

Por esta razão, Marx inicia *O Capital*, a partir da análise da mercadoria, célula da sociedade capitalista, o “embrião de todas as contradições”,<sup>22</sup> que durante o desenvolvimento da exposição irão sendo aprofundadas de acordo com a própria necessidade da exposição. Diz Kosik:

O início da investigação é casual e arbitrário, ao passo que o início da exposição é necessário [...] sem um início necessário, a interpretação nunca é desenvolvimento, explicitação [...]. O método de explicitação não é um desenvolvimento evolucionista, é desdobramento, manifestação e “complicações” das antíteses, é desdobramento da coisa por intermédio das antíteses.<sup>23</sup>

Mas para Marx, diz o autor, o método não é a forma de autoexposição da coisa, mas o “*modo de exposição crítica de uma ciência social* (grifos nossos)”, e através dela, de uma realidade cuja determinação última é uma contradição real e não a “auto-manifestação da razão”.

E continua o autor, ressaltando que Marx pressupõe um trabalho de investigação crítica anterior que assegura a penetração racional do objeto em suas determinações essenciais. Diz Müller:

É preciso que o “método de pesquisa” assuma o ônus idealista da lógica especulativa apropriando-se analítica e criticamente do conteúdo, antes que a exposição possa exprimir seu desenvolvimento conceitual, prescindindo de

---

<sup>19</sup> MARX, K. *O Capital*. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989, p. 16.

<sup>20</sup> KOSIK, op. cit., 1989, p. 31.

<sup>21</sup> Idem, p. 31.

<sup>22</sup> MARX, op. cit., 1989, p. 16.

<sup>23</sup> Ibidem, p. 31-32.

hipóteses que o analista ou o crítico trariam consigo, para melhor espelhar exclusivamente o seu movimento efetivo.<sup>24</sup>

Haguette<sup>25</sup> salienta que é a partir de materiais “empíricos/históricos e estatísticos” que a interpretação dialética emerge, porém a sintonia entre a sistematização categorial, abrangendo o modo lógico e histórico, deve ser realizada pelo método de exposição. Diz a autora<sup>26</sup> que, para realizar a “totalidade orgânica”, o método de exposição utilizado por Marx não pode ser aplicado do modo histórico (sequência cronológica de acontecimentos), mas do modo lógico (conforme as relações internas de suas determinações essenciais).

Na verdade a relevância do método de exposição parte do próprio entendimento de que, conforme expõe Lefebvre,<sup>27</sup> a realidade, na investigação dialética, é reconstituída pela exposição sintética.

Porém, Lefebvre<sup>28</sup> adverte que o método “proporciona apenas um guia, um quadro geral, uma orientação para o conhecimento de cada realidade”, salientando que a forma lógica do método deve “subordinar-se ao conteúdo, ao objeto, à matéria estudada”. E complementa esclarecendo que Marx afirma ser o método a ideia geral, não podendo dispensar a apreensão, em si, de cada objeto, portanto jamais a pesquisa científica pode ser substituída por uma construção abstrata.

Portanto, realizando mais uma breve síntese didática, poderíamos destacar quanto ao método de exposição: que ele deve ter um início necessário – o embrião; que deve constituir-se como desdobramento, explicitação, complicação das antíteses; que na exposição busca-se descrever o movimento real, a vida da realidade e que a explicitação desse processo deve ter um modo lógico e histórico.

Expomos o produto de nosso trabalho em estudos, diagnósticos, pareceres, laudos, em projetos, relatórios, em prontuários institucionais quando sintetizam as análises sociais realizadas. Portanto, destacar a relevância do aporte de categorias que emanam da realidade e a ela retornam para auxiliar nos processos de desvendamento e intervenção é fundamental para o exercício profissional. São muitas as categorias dialéticas, mas três em especial podemos considerar imprescindíveis: a historicidade, a totalidade e a contradição. Poderíamos incluir a hegemonia que na verdade decorre da contradição, mas visto a luta de classes e as relações de poder estabelecidas especialmente com o Estado, esta categoria assume uma importância também significativa. Os estudos gramscianos foram fundamentais para o seu adensamento.

Contudo é fundamental que a articulação destas categorias não ocorra de modo fragmentado e mecânico, atribuindo maior ou menor relevância a uma ou outra ou deslocando-as do contexto e das relações que as conformam.

---

<sup>24</sup> Ibidem, p. 166.

<sup>25</sup> HAGUETTE, T. M. Frota (Org.). *Dialética hoje*. Rio de Janeiro: Vozes, 1990. p. 167.

<sup>26</sup> Idem.

<sup>27</sup> LEFEBVRE, H. *O Marxismo*. 3. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1963. p. 33.

<sup>28</sup> Ibidem, p. 35.

## 5 Os instrumentais técnico-operativos na mediação dos processos interventivos

Conforme destacamos anteriormente, o Serviço Social é uma profissão que se caracteriza por ser interventiva. Contudo, para intervir é preciso, como destaca Netto<sup>29</sup> analisar com profundidade as contradições que se ocultam ou se fetichizam na realidade, superando a pseudoconcreticidade para propor uma intervenção que tenha alcance e efetividade. E falar em análise de realidade como primeiro, constante e contínuo movimento significa interpretá-la a partir da totalidade com suas múltiplas e articuladas determinações, que envolvem aspectos políticos, sociais, culturais e econômicos.

Somente a partir de uma análise conjunta podemos ressignificar espaços, pensar coletivamente alternativas de enfrentamento, redescobrir potencialidades, associar experiências, buscar identificações, dar visibilidade às fragilidades para tentar superá-las, desvendar bloqueios, processos de alienação, revigorar energias, vínculos, potencial organizativo, reconhecer espaços de pertencimento.

E esta análise, realizada pelo processo de reflexão, seja ela com sujeitos ou grupos, não pode ser descontextualizada, muito menos aprisionada em leituras estáticas ou atomizadas que não contemplam o movimento constitutivo do próprio sujeito e do real. Portanto, a análise deve ser um processo dinâmico, permanente, durante toda a intervenção.

Muito mais relevante, nesta perspectiva, do que sugestões para bem realizar uma entrevista, importa a qualidade das cadeias de mediações que dispomos para provocar processos reflexivos. Portanto, o conhecimento acerca da realidade estrutural e conjuntural, as formas de alienação, as refrações da questão social no cotidiano da população usuária, a expressão dos sujeitos em suas lutas contra hegemônicas, o conhecimento de recursos sociais, dos direitos sociais, das redes ou espaços de articulação e organização da população usuária, o conhecimento de dados sobre sua existência, consciência e vida social, do significado atribuído pelos sujeitos a seu viver histórico, seus valores, sua cultura dão consistência às mediações que poderão ser construídas historicamente na relação, e somente na relação, com os sujeitos, sejam eles usuários ou técnicos que compõem nossa equipe de trabalho.

A relevância dada às estratégias coletivas de intervenção deve-se ao reconhecimento da efetividade da dinâmica grupal, da possibilidade mais significativa de desenvolver processos sociais a partir de identificações entre sujeitos que vivenciam situações similares, de fortalecer alternativas de organização e enfrentamento conjunto, de possibilitar processos de mútua ajuda, partilha de sofrimentos e estratégias de superação, cooperação, solidariedade, veiculação de informações. No entanto, privilegiar determinadas estratégias de abordagem não significa recusar a utilização de outras formas, tais como a entrevista ou a visita domiciliar, ou mesmo a utilização de um recurso social como, por exemplo, uma cesta básica. A simples distribuição do

---

<sup>29</sup> NETTO, J. Paulo. Palestra em vídeo: *Encontro Nacional de Assistentes Sociais*, CFESS, nov. 1997.

recurso não caracteriza uma intervenção profissional; no entanto existem situações em que é necessária a utilização de um recurso desta ordem, o que não dispensa o profissional de estabelecer vínculos, provocar reflexões, realizar mediações ou o apoio social.

Referindo-se à necessária condição humana e histórica para a transformação, dizem Marx e Engels:

[...] somente é possível efetuar a libertação real no mundo real e através de meios reais [...] não se pode superar a escravidão sem a máquina a vapor... nem a servidão sem melhorar a agricultura [...] não é possível libertar os homens enquanto não estiverem em condições de obter alimentação, habitação, vestimenta, em qualidade e quantidade adequadas. A libertação é um ato histórico e não um ato de pensamento e é efetivada por condições históricas [...].<sup>30</sup>

Sem dúvida ao realizar-se, por exemplo, uma visita domiciliar não serão observadas apenas as condições de vida dos sujeitos, mas procurar-se-á apreender o seu modo de vida, expresso no cotidiano de sua vida familiar, comunitária, no seu trabalho, nas relações que estabelece, no significado que atribui a estas relações, na sua linguagem, em representações, com vistas sempre à construção de novas sínteses.

Para conhecermos o “modo de vida” dos sujeitos diz Martinelli:<sup>31</sup> “[...] temos que conhecer as pessoas [...]. E onde o sujeito se revela? No discurso e na ação. [...] Conhecer o modo de vida do sujeito pressupõe o conhecimento de sua experiência social.”

Numa entrevista, por exemplo, ao buscarmos conhecer a história de vida dos sujeitos usuários, privilegiaremos não uma reconstituição cronológica, mas a história a partir de fatos significativos, contextualizados, na tentativa de realizar o que Lefebvre<sup>32</sup> chama de movimento de “detour”, um retorno ao passado que, reencontrado e reconstruído por sucessivas reflexões, volta mais aprofundado e libertado de suas limitações, superado, no sentido dialético.

É importante acreditarmos, apesar das adversidades estruturais e conjunturais, nas possibilidades de luta contra-hegemônica ou expressões de resistência dos sujeitos sociais, especialmente diante de uma realidade cada vez mais excludente e assustadora, interpretada pelos paradigmas da crise com um negativismo paralisante, que expressa o absoluto ceticismo quanto às possibilidades humanas de transformação.

Temos a clareza de que não é negando ou desconhecendo a realidade que podemos modificá-la, mesmo porque precisamos conhecer profundamente aquilo que queremos transformar, identificando espaços, relações de poder, possibilidades de alianças, reconhecendo o caráter político de nossa ação profissional. Segundo Palma:

---

<sup>30</sup> MARX; ENGELS, op. cit., 1993, p. 65.

<sup>31</sup> MARTINELLI, M. L. *O uso de abordagens qualitativas na pesquisa em Serviço Social*. Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Identidade. 2. ed. São Paulo: PUCSP, 1994, p. 13. n.1.

<sup>32</sup> LEFEBVRE, H. *Sociologia de Marx*. Rio de Janeiro: Forense, 1966.

A institucionalização democrática não representa um jogo de cartas marcadas, no qual as classes subordinadas estão, desde o início, fatalmente condenadas a perder. Ao contrário, [...] se trata de uma arena contraditória, dinâmica, onde se abrem e fecham espaços e alternativas segundo as iniciativas – sempre relacionais e opostas dos sujeitos coletivos que nela se encontram e confrontam. Jogar este jogo, ganhar forças para apoiar o próprio projeto, debilitar a vigência do projeto contrário, ampliar e controlar espaços – isto é fazer política.<sup>33</sup>

Mesmo aqueles segmentos mais excluídos podem nos surpreender ressignificando espaços e reencontrando forças para lutar por seus direitos. Verificamos, a partir de nossa experiência acompanhando a supervisão de um trabalho com moradores de rua,<sup>34</sup> resultados significativos em termos de desenvolvimento de processos sociais, o que a um primeiro olhar parecia, pela carência de referências sociais, que poderiam ter maiores dificuldades de encontrar estímulo e motivação para organizar-se.

Sujeitos que apresentavam histórias que tinham em comum a vivência de sucessivas perdas – do emprego, da casa, da família, baixa autoestima, atitudes de apatia frente a sua situação de vida – mas que, a partir do apoio social e estímulo a processos organizativos, iniciados por uma pesquisa e reforçados por acompanhamentos grupais, constituíram a “Comissão de Rua”, para pensar um equipamento social que atendesse as suas necessidades e características; grupo representativo que posteriormente foi transformado no “Movimento de Moradores de Rua”. Este movimento passou a lutar por políticas públicas para atendimento deste segmento populacional, fazendo-se inclusive representar como delegados em Conferências Municipais de Assistência Social de Porto Alegre ou em Plenárias Temáticas do Orçamento Participativo.

Com um desenvolvimento que não é linear, mas que apresenta avanços e recuos, como em qualquer grupo organizativo, os representantes do Movimento de Moradores de Rua mostram que, apesar do profundo processo de exclusão social a que estão submetidos, são capazes de expressar sua resistência, porque homens, descobrindo-se como sujeitos.

A pesquisa realizada nesta perspectiva, com clareza de finalidade, de seu caráter político, e do retorno que deve ser garantido aos entrevistados, é importante instrumento de intervenção social; logo compõe o conjunto de estratégias utilizadas pelo referencial materialista histórico e dialético. Assim, para a realização de uma pesquisa utilizamos diversos instrumentos e técnicas – entre os quais a entrevista, a observação, as técnicas coletivas, a dramatização, etc. –, da mesma forma iluminados por nossa intencionalidade, preocupados não só com os resultados (coleta de dados, informações, produção do conhecimento), mas com o processo, como espaço para o estabelecimento de mediações, com o seu caráter pedagógico, reflexivo, transformador.

---

<sup>33</sup> PALMA, D. *A prática política dos profissionais: o caso do Serviço Social*. 1986. p. 77.

<sup>34</sup> PRATES, Jane Cruz. Sujeitos de rua: a pesquisa como instrumento de desvendamento e intervenção na realidade social. In: BARRILI, H. et al. *A pesquisa em Serviço Social e nas áreas humano-sociais*. Porto Alegre: Edipucrs, 1998.

Além da pesquisa, é interessante também pontuar a existência de outros espaços para a intervenção profissional do Serviço Social, tais como: a gestão, a supervisão institucional, a assessoria e o planejamento; também nos valem de procedimentos e instrumentos para operacionalizar nosso trabalho. Destacaríamos, por exemplo, a importância de termos o conhecimento sobre ferramentas gerenciais, tais como: fluxogramas, organogramas, planilhas de custo, domínio sobre orçamento, elaboração de documentos institucionais diversos, (estudos, programas, projetos, roteiros) avaliações de impacto, análises organizacionais, além de abordagens coletivas já mencionadas como reunião, seminários, oficinas, assembleias.

No entanto, reiteramos que é a nossa intencionalidade que ilumina o uso destes instrumentais, pois a habilidade em manejar uma planilha de custos, por exemplo, pode servir tanto para manipular uma situação como para mediar o acesso ao público usuário, dando visibilidade acerca dos gastos públicos de uma instituição. Os instrumentos e as técnicas são na verdade estratégias sobre as quais se faz a opção de acordo com o contexto e o conteúdo a ser mediado para se chegar a uma finalidade. Quanto maior nosso conhecimento teórico, mais ampla será nossa cadeia de mediações, maiores as nossas possibilidades de construí-las.

Não há dúvidas de que um projeto ético-político antecede e permeia as relações estabelecidas e, na verdade, é este eixo fundamentador que dá cor ao movimento e que o diferencia de outros modos de intervenção, seja qual for a opção estratégica utilizada na intervenção. Na verdade, buscamos o tempo todo explicitar o que pode ser resumido como trabalho, na perspectiva marxiana, enquanto algo que é expressão e produção teleológica humana, enquanto algo que diferencia os homens dos animais, enquanto elemento central do ser e, portanto, da história humana. Antunes<sup>35</sup> bem sintetiza a concepção marxiana de trabalho como

[...] momento fundante de realização do ser social, condição para sua existência; é o ponto de partida para a humanização do ser social e o motor decisivo do processo de humanização do homem. Não foi outro o significado dado por Marx ao enfatizar que “como criador de valores de uso, como trabalho útil, é o trabalho, por isso, uma condição de existência do homem, independentemente de todas as formas de sociedade, eterna necessidade natural de mediação do metabolismo entre homem e natureza, e portanto vida humana”. Esta formulação permite entender o trabalho como a única lei objetiva e ultra-universal do ser social, que é tão eterna quanto o próprio ser social, ou seja, trata-se também de uma lei histórica, a medida que nasce simultaneamente com o ser social, mas que permanece ativa apenas enquanto esse existir.

## **6 Considerações finais**

Contexto societário atual impõe distintos impactos para o Serviço Social que devem ser considerados na análise sobre a profissão e sua materialidade na realidade social. A informação em excesso que não se sedimenta como conhecimento, a revolução

---

<sup>35</sup> ANTUNES, R. *Adeus ao trabalho?* 3. ed. São Paulo: Cortez, 1995. p. 123.

tecnológica e o desenvolvimento das forças produtivas, somadas ao agravamento da questão social, assim como o aviltamento das condições de trabalho nos processos de trabalho, nos quais os assistentes sociais se inserem, são aspectos que devem permear o debate profissional, pois se constituem em fatores determinantes do trabalho profissional.

No campo das exigências e dos desafios para a formação profissional, encontram-se a importância da reafirmação da questão social enquanto objeto de trabalho, da capacidade de o profissional desocultar suas expressões em tempos de fetichização da realidade a fim de ampliar as possibilidades de construção de processos sociais emancipatórios que impactem no fortalecimento das resistências sociais e na consciência crítica dos sujeitos, no acesso a direitos, na democratização da vida social. Para tal, se faz necessária uma formação profissional voltada para a construção de um perfil generalista, com sólidos conhecimentos para análise crítica da realidade sob a ótica da totalidade, contemplando a dimensão investigativa e o planejamento como dimensões centrais neste projeto de formação.

O eixo teórico-metodológico – ancorado na teoria e no método marxiano – e o eixo ético-político – por sua vez sustentado na crítica da sociabilidade burguesa em valores que têm como horizonte a emancipação humana – são os principais fundamentos da formação profissional. Tais fundamentos sustentam as mediações construídas em contextos, realidades particulares por meio do instrumental técnico-operativo que materializa, através da intervenção profissional, os princípios ético-políticos defendidos pela categoria, que vão ao encontro de um projeto de sociedade ancorado na democracia, na liberdade e na igualdade entre homens e mulheres.

Podemos também enfatizar a implicação entre teoria/método marxiano e Serviço Social, ou seja, destaca-se uma profunda identidade de objeto entre estas áreas, ou seja, a preocupação com o desvendamento da sociedade burguesa e das desigualdades e lutas sociais dela decorrentes. Além disso, destacam-se as sucessivas aproximações com a realidade na construção de uma leitura totalizante da mesma, que supere a pseudoconcreticidade, a valorização do trabalho e da consciência dos sujeitos.

No que tange às contribuições aportadas pela teoria e pelo método marxiano para o Serviço Social, o que a dialética marxiana propõe é um modo de pesquisar a realidade social, buscando compreender os diferentes fenômenos que a compõem e a inter-relação entre os mesmos para o alcance da essência da realidade, que se coloca parcialmente aos olhos dos homens. Para esta profissão, que se caracteriza fundamentalmente por sua intervenção na realidade, torna-se essencial a apropriação de um método que propicie o desvendamento do objeto de trabalho, que ao mesmo tempo rechace o trabalho imediato, alienado e reproduzidor dos conceitos do senso comum.

O projeto societário hegemônico na atualidade defende a manutenção da ideologia burguesa e conseqüentemente do sistema de reprodução capitalista. Aparentemente, apresenta recursos mais fortes para impedir a concretização dos princípios defendidos pelo Serviço Social. Porém, as transformações societárias defendidas pela profissão não

são de sua exclusividade, mas estão na base de um projeto de sociedade almejado por parcelas importantes dos movimentos sociais da classe trabalhadora. Esta premissa por si exige da profissão a necessidade de ultrapassar os pequenos atos alienados do cotidiano. Este processo de superação da alienação do trabalho pode estar alicerçado na capacidade teórico-crítica de análise e intervenção social que contribua para ações conjuntas a outros grupos da sociedade que compartilham os mesmos ideais.

O Serviço Social, ao aproximar-se da perspectiva dialético-marxiana, passa a compreender de forma diferente a sociedade em que se fundamenta a profissão. Para compreender a miséria que homens e mulheres vivenciam, a análise percorre primeiramente o caminho da mediação com o trabalho, através do discernimento sobre como o trabalho na sociedade capitalista se desenvolve. Ao dar este passo, a profissão supera os pressupostos morais de tratamento à questão social e as práticas de ajustamento dos indivíduos, pois parte de uma crítica das relações sociais enquanto uma totalidade, e não dos indivíduos considerados isoladamente.

E, por sua vez, os instrumentais técnico-operativos devem ser acionados a partir desta perspectiva, considerando que a técnica isolada por si não dá conta da realidade a ser enfrentada, assim como não contribui para uma práxis profissional que anseia a transformação das condições materiais, que são objetos de intervenção. Ao contrário, a manipulação de instrumentos vazios de sentido e de caráter revolucionário contribui somente para a reprodução destas condições desiguais que reforçam diariamente injustiças sociais.

## Referências

- ANTUNES, R. *Adeus ao trabalho?* 3. ed. São Paulo: Cortez, 1995.
- CHAUÍ, Marilena *Ética: O drama burguês / ética das aparências*. DVD, Gerd Bornheim, 2005.
- HAGUETTE, T. M. Frota (Org.). *Dialética hoje*. Rio de Janeiro: Vozes, 1990.
- KOSIK, K. *Dialética do concreto*. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Dialética do concreto*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- LEFEBVRE, H. *O Marxismo*. 3. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1963.
- \_\_\_\_\_. *Sociologia de Marx*. Rio de Janeiro: Forense, 1966.
- \_\_\_\_\_. *Lógica formal / lógica dialética*. 5. ed Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- LESSA, Sérgio; TONET, Ivo. *Introdução à Filosofia de Marx: debates e perspectivas*. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- MARTINELLI, M. L.; \_\_\_\_\_. *O uso de abordagens qualitativas na pesquisa em Serviço Social*. Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Identidade. 2. ed. São Paulo: PUCSP, 1994. n. 1.
- MARX, K. *A ideologia alemã*. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1993.
- \_\_\_\_\_. *O Capital*. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989. L. 1, v. I.
- \_\_\_\_\_. *O Capital: crítica da economia política*. 29. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. L. 1, n. 1.
- \_\_\_\_\_. As teses sobre Feuerbach. In: \_\_\_\_\_. *A ideologia alemã*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- NETTO, J. P. Palestra em Vídeo: *Encontro Nacional de Assistentes Sociais*, CFESS, nov., 1997.
- PALMA, D. *A prática política dos profissionais: o caso do Serviço Social*. São Paulo: Cortez, 1986.
- PRATES, Jane Cruz. Sujeitos de rua: a pesquisa como instrumento de desvendamento e intervenção na realidade social. In: BARRILI, H. et al. *A pesquisa em Serviço Social e nas áreas humano-sociais*. Porto Alegre: Edipucrs, 1998.
- \_\_\_\_\_. et al. *Possibilidades de mediação entre a teoria marxiana e o trabalho do Assistente Social*. 2003. Tese (Doutorado) – PUCRS, Porto Alegre, 2003.